

FEMINILIDADE: UM PERFIL CULTURAL ¹

*Aida Novelino*²

As imagens de mulher mudam (assim como as mulheres) a cada época, seguindo os movimentos e os ritmos do tecido social. Parece, no entanto, que a crença na existência do "eterno feminino" -herdeira das perspectivas filosóficas essencialistas- é bastante resistente à mudança, mantendo-se como parte integrante do arsenal de concepções acerca das mulheres e da sua história nos mais diversos períodos. Difundida, apregoadada e interiorizada por homens e mulheres, a idéia de uma natureza feminina, diferenciada, imutável e responsável pelos traços que a caracterizam, percorre os séculos. Embora recentes em termos históricos, os ideais modernos de feminilidade se apresentam para nós como reflexos naturais e automáticos das especificidades biológicas; debita-se, em última instância, aos estrógenos e ao aparelho reprodutivo a responsabilidade por modos de sentir, pensar e agir femininos. Convive-se, ainda, com antigas convicções que localizam na anatomia a origem dos traços componentes da feminilidade; acredita-se, enfim, que tudo que diz respeito à mulher pode e deve ser explicado pelas particularidades do seu corpo.

Facilmente podemos averiguar que tanto a ciência quanto o senso comum têm recorrido, prioritariamente, à natureza em busca da resposta perfeita para deslindar os denominados "mistérios" da feminilidade. É a

1 . Palestra realizada em 25/11/97 no Iº Seminário Educação e Contemporaneidade – *Mulher, História, Existência e Possibilidades*, organizado pelo Centro de Educação da UFPE.

2 . Professora do Departamento de Psicologia da UFPE

noção da existência de uma “natureza feminina” que se abriga no cerne dessas interpretações e que se converteu, ao longo dos tempos, na peça chave de todas as argumentações e discussões quando a temática em pauta é a feminilidade. Essa noção tem por corolário a idéia de negação da experiência e da cultura como modeladoras do humano.

Rousseau (1990), um dos ideólogos de destaque na confecção do perfil moderno de feminilidade, foi defensor ardoroso do pensamento de que as leis da convenção seguem de perto os laços da natureza, máxima anunciada quando pontifica sobre a mulher ideal: *Sofia*. Diz ele: “*segui as orientações da natureza. Tudo o que caracteriza o sexo deve ser respeitado como por ela estabelecido*”. Descreve, com base nesses pressupostos, os valores que devem guiar, de formas distintas, homens e mulheres em seus caminhos sociais, assim como as singularidades que caracterizam um e outro.

Pretendo, entretanto, seguir outro itinerário por entender que a feminilidade, ou melhor, o semblante que a individualiza, só pode ser apreendido se vinculado aos momentos históricos em que são vividos e representados; o feminino é o resultado de um contínuo processo de construção psicossocial, cuja vinculação com o sexo biológico é fruto das definições e atribuições culturais. As convenções, ao invés de refletirem uma natureza determinada, participam como elementos poderosos na confecção desses semblantes e, sem dúvida, esta lógica naturalizante que impregnou e continua dominando as definições sobre o feminino, constitui um dos ingredientes fundamentais das subjetividades produzidas em nosso contexto social.

Refiro-me, aqui, ao feminino enquanto um conjunto de características identificadas pela cultura como apropriadas e indispensáveis às mulheres e que, ao longo da vida, vão se organizando sob a forma de uma “*identidade de gênero*”, termo utilizado pelo psicanalista Robert Stoller para definir as noções de feminilidade/masculinidade. A identidade de gênero que, segundo Stoller,

vai sendo construída desde o nascimento da criança, a partir das expectativas e convicções transmitidas pelos pais, começa com o conhecimento - consciente ou inconsciente - de que se pertence a um sexo e não ao outro ("*identidade nuclear de gênero*"). O ponto importante a ressaltar nessas elaborações é o de que a feminilidade é uma convicção compartilhada pelo grupo social onde se está inserido e, principalmente, que as características percebidas como adequadas a cada sexo são experimentadas pelo sujeito como componentes essenciais. Quero dizer com isso que nenhum traço em si mesmo tem valor de definição da feminilidade/masculinidade: é a cultura que estabelece os vínculos de apropriação, mas, em contrapartida, é a certeza pessoal de que este ou aquele aspecto identificam-se com o fato de ser homem ou mulher que ancora o sentimento de (des)adequação. São as crenças culturais que fazem coincidir sexo e gênero.

Não é necessário apontar que esse reconhecimento identificatório de pertencer a uma ou outra categoria funciona como um elemento nuclear da identidade devido, entre outras coisas, à centralidade que a diferença sexual assumiu em nossa cultura enquanto valor explicativo de todos os demais aspectos da personalidade. Por conseguinte, os traços que compõem a feminilidade ocupam um lugar nuclear no sistema identificatório como um todo e, por serem experimentados como universais, naturais, têm grande poder normatizador e normalizador. (cf. Costa, 1989)

Com base nessas considerações, quero me deter num aspecto do semblante de feminilidade, ainda em vigor nos dias de hoje, que constitui, a meu ver, uma das suas qualidades marcantes: o ideal de amor romântico. Afinal de contas, nós, mulheres, pautamos nossa existência pelo amor, aliás, não só isso pois, de acordo com a interpretação de Freud, em *O Mal-Estar da Civilização*, atuamos como as principais defensoras da vida amorosa. Somos as "especialistas" do amor, como diz o sociólogo Anthony Giddens; vivemos entronizadas e aprisionadas numa

rede de crenças amorosas que limita e delimita nossos anseios e de onde, sem dúvida, usufruímos a parcela de poder que nos cabe. Poder que, não sendo outra coisa senão a expressão da nossa dependência convertida em força -reflexão feita por Marilena Chauí e com a qual concordo integralmente-, garante a ilusão de um lugar de supremacia. Nesse sentido, o ideal de amor romântico funciona como uma espécie de aura distintiva do feminino, que redefine cada gesto e justifica o percurso da mulher no mundo. Não é pensando no amor que se anuncia com condescendência a máxima de que *“por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”*? Não está presente nesse ditado a visão corrente do amor feminino como um meio utilizado para as estratégias de controle e manipulação nas relações interpessoais ?

No filme *A Pele do Desejo* -baseado no romance homônimo de Benoite Groult- a protagonista, George, professora universitária que trabalha sobre a condição feminina, inicia uma palestra citando o poeta Lord Byron quando este afirma ser o verdadeiro amor a experiência que resume toda a existência da mulher. Completando esse pensamento, comenta ela: *“a tragédia é que nós mulheres acreditamos nisso. Nós somos prisioneiras voluntárias dessa soporífera casa de bonecas”*. Talvez o diretor do filme tenha se inspirado no clássico de Simone de Beauvoir -*O Segundo Sexo*- ao inserir esse episódio (ausente no livro) na vida da personagem pois é exatamente com esse fragmento da fala do poeta que ela começa o capítulo intitulado *A amorosa*, onde vai discutir longamente os sentidos diferentes que a palavra amor tem para homens e mulheres. O amor romântico se apresenta às mulheres, diz Beauvoir, como a única possibilidade de transcendência, já que socialmente elas são destinadas à condição de seres inessenciais. Só resta à mulher esse caminho e é por isso que *“escolhe querer tão ardorosamente sua escravidão que esta se apresentará a ela como a expressão de sua liberdade”*. Nisso consiste sua servidão voluntária.

No alcance desse tipo de amor na vida das mulheres reside a questão que tem vários ângulos a considerar, e o aprisionamento é, parece-me, o menos evidente além de ser o mais marcante. O amor romântico vem se impondo como modo ideal de relacionamento amoroso nos últimos séculos; ele é tecido - a partir do século XVIII- pelos fios histórico-culturais que configuram a família nuclear com toda sua intensidade afetiva, idealizada para ser um “*refúgio num mundo sem coração*” (título do livro de Christopher Lasch), lugar por excelência da mulher e do exercício da função principal que define o feminino: a maternidade. Tem, por conseguinte, significados, funções e efeitos diversos para o universo feminino e o masculino.

Desde a Idade Média a domesticidade instalou-se como espaço prioritário do feminino: “*aos homens competia a ação exterior e pública; as mulheres se encontravam normalmente acantonadas no interior, nesse quarto que era, no coração da casa, uma espécie de matriz*” (Duby: 1989). O privado, o doméstico não implicava apenas uma exclusão das atividades políticas que, por outro lado, vão pertencer progressivamente ao espaço público e serem cada vez mais identificadas com o masculino. Simbolizava também a pureza, o recato e a fidelidade, qualidades femininas essenciais que, na hierarquia social, ocupavam posição soberana.

O enclausuramento das mulheres ao doméstico e conseqüente afastamento da vida pública encontrou seu pleno êxito no século XIX, embora tenha sido forjado pouco a pouco. Fragilidade, candura e meiguice são traços adequados à imagem feminina que compõe esse *habitat*. Aí, feminino e domesticidade se mesclam harmoniosamente, e a experiência amorosa passa realmente a representar a totalidade da existência já que cada momento de vida da mulher tem por objetivo a concretização das funções precípuas para as quais foi destinada: a de esposa e mãe. É através do amor que ela pode cumprir o seu destino.

Aliás, a demanda insistente de amor é, provavelmente, o emblema precípua da feminilidade. A forte necessidade de ser amada faz da mulher uma verdadeira “*pedinte de amor*”, termos utilizados pelo psicanalista Paul-Laurent Assoun para expressar o que ele identifica como marca distintiva da feminilidade e que o leva a concluir que “*nas formas patológicas de 'vício' na mulher (...) talvez mais especificamente do que nos homens, é o caráter 'viciante' originário do amor e da dependência objetual que se deve reconhecer*” (1993). É certamente nesse sentido que Annie Anzieu, também psicanalista, observa em tom de lamentação: “*tornar-se mulher. Passagem para o amor, passagem para o homem desejado*” (1992).

O adoecimento pelo amor, tão cantado em versos e prosas, revela esse lado aprisionante do modelo de amor romântico. É com esse olhar que a psicanalista Graciela Sas analisa o que denomina de “*Síndrome de Scheherazade*”, nome escolhido em referência à personagem das *Mil e uma Noites*, que adiava ininterruptamente a própria morte, contando histórias inacabadas ao rei. Essa categorização foi criada por ela para nomear o conjunto de sintomas manifestado por pacientes provenientes de diferentes inserções sociais, idades, história pessoal e realização intelectual. Tais mulheres, na medida em que se envolviam em relacionamentos amorosos passavam a desenvolver “*um sentimento crescente de insegurança acerca de seus valores e desejos, terminando por se amalgamarem com o objeto de seu amor, como se o amor demandasse o sacrifício de seus ideais e da totalidade de seu ser*”. Impossibilitadas de amar em liberdade, de experimentarem este amor em condição de igualdade, perdiam até mesmo a capacidade de usufruírem da troca afetiva que, como vimos, tem função vital em suas trajetórias.

O enredamento afetivo com o objeto de amor, a impossibilidade de amar em liberdade são condições que caracterizam a especificidade do percurso amoroso da mulher na cultura ocidental. Educadas para

construírem suas vidas em direção ao casamento e à maternidade, convictas de que esse rumo é determinado por uma essência que as dispõe naturalmente para o lar, para amarem e cuidarem servilmente do companheiro, para serem fonte inesgotável de afeto, carinho e proteção para os filhos -principal meta da existência-, as mulheres sofrem ao constatarem em si mesmas o afastamento desse quadro referenciador. Como amar em liberdade se

“encerrada na esfera do relativo, destinada ao macho desde a infância, habituada a ver nele um soberano a quem não lhe é dado igualar-se, a mulher, que não sufocou sua reivindicação de ser humano, sonhará em ultrapassar-se para um desses seres superiores, em unir-se, confundir-se com o sujeito soberano ?”, pergunta-se Beauvoir (op. cit.).

A faceta libertadora do amor romântico é festejada e apontada por vários autores que discutem seu trajeto sócio-histórico, além de enaltecida por poetas e literatas que narram suas delícias e inquietações. Poucos, se é que existem, deixaram de experimentar esse sentimento totalizante que suaviza a *“infelicidade cotidiana”* e interrompe a rotina de compromissos. Ele liberta justamente por isso, pois a condição de apaixonamento é incompatível com as obrigações rotineiras; só o sentimento importa e dita os caminhos. Além disso, o amor romântico proclama em sua essência a igualdade de condições entre os amantes na medida em que seu único valor é a pureza do sentimento: cada um é amado apenas pelo fato de ser quem é e não pelo que possa oferecer de externo à própria relação. A sexualidade deveria, também, ser liberta nesse jogo amoroso que, seguidos os ditames ao pé da letra, nutre-se e esgota-se em si mesmo. Porém, é justamente no tocante às manifestações e vivências da sexualidade que o aprisionamento da mulher se delineia.

Em três artigos reunidos sob o título *As Contribuições à Psicologia do Amor*, escritos entre 1912 e 1917, Freud investiga as razões

do desfusãoamento das duas correntes que regem a relação amorosa: a sensual e a terna. Demonstrando ser a marca cultural daquele começo de século, no que diz respeito à vivência masculina, a compartimentação entre amor ternura e amor sensual, conclui: “*ele [o homem] só desenvolve plenamente sua potência diante do objeto sexual degradado*”. Para a mulher, em contrapartida, essa compartimentação gera um impasse sempre, já que a coloca numa encruzilhada onde qualquer escolha implica uma forma de desvalorização: a sexual ou a amorosa. Sua reação, em parte respondendo a esta situação e em parte devido à educação repressiva que predominou em sua socialização, é a impossibilidade de desvincular a corrente sensual da proibição. Freud provavelmente não poderia ter apontado para o outro extremo do contínuo fusão-desfusão para caracterizar a vivência não-satisfatória da sexualidade das mulheres do seu tempo e que, suponho, merece algumas reflexões: o pólo da aderência compulsória entre ternura e sensualidade. É justamente aí, penso eu, que se entrelaçam os fios aprisionantes do ideal de amor romântico pois a crença de que a fusão entre ternura e sensualidade é inerente ao feminino reflete-se tanto na confecção das representações da feminilidade quanto nas construções dos quadros valorativos que atribuem um peso excessivo às manifestações da sexualidade da mulher, conferindo-lhe um lugar de destaque na avaliação do seu caráter.

Entre as mulheres vienenses das primeiras décadas e as do final do milênio, existem grandes diferenças no que se refere aos valores que regulam o relacionamento amoroso e a sexualidade, mas, ainda, muitas semelhanças. Apesar dos evidentes sinais de falência dos projetos de feminilidade/masculinidade e respectivos ideais amorosos, predominantes no início do século, é possível perceber uma persistente tentativa de enrijecê-los sob a forma de concepções naturalizantes que funcionam como referências para os modos de expressão dos estados subjetivos, mesmo quando as práticas sociais já não os comportam. É esse o viés utilizado por Suely Rolnik (1989) ao discutir as transformações da

subjetividade através da imagem de algumas personagens femininas configuradas por ela como “noivinhas”. A “noivinha-que-gora-e-gruda” reflete exatamente a situação da inadequação de um modelo que, embora não atenda mais ao movimento dos afetos que, alterados, deveriam encontrar outras feições, permanece inalterado em sua posição de ideal a ser seguido. É o caso do ideal de amor romântico. Apesar de desadequado e anacrônico, o ideal de “noivinha” gruda pelo receio de fragmentação provocado pela convicção de que esta é a única forma genuinamente feminina de vivência amorosa; é, em última instância, a face aparente da fusão “*natural*” entre ternura e sensualidade. É o medo de se afastar dos caminhos ditados pela “*natureza*”, de fracassar enquanto mulher que nutre a permanência deste invólucro. Por isso é aprisionante.

Acontece que, desde as suas origens, o ideal de amor romântico já carrega elementos cerceadores no que se refere à mulher. Apesar da nuance libertadora mencionada acima, ele corrobora o seu enclausuramento ao lar, além de subsidiar a demarcação socialmente feita entre virtuosas e impuras, na medida em que foi associado ao casamento, à procriação e colocado como única condição de possibilidade à vivência da sexualidade. Sua veia subversiva foi, portanto, abafada por essas complementações. Nesse sentido, não é apenas por ter-se enrijecido sob a forma de máscara inadequada que ele aprisiona -este constitui, a meu ver, o segundo movimento aprisionante-; o aprisionamento é inerente ao seu feitiço. É pelo romantismo que a sexualidade feminina se purifica e se justifica, pois nenhuma mulher que pretenda ser digna de respeito pode se permitir, dentro dos contornos desse ideal, usufruir dos prazeres do sexo fora do caminho da construção de uma relação eterna.

A psicanalista Emilce Dio Bleichmar (1988) equipara a transgressão do tabu do incesto na cultura ocidental àquela relativa à vivência da sexualidade, pela mulher, sem qualquer justificativa adicional além da busca do prazer. Em consonância com sua vertente de análise,

entende essa busca incessante do homem amado como a expressão dos efeitos da normatização cultural sobre a vivência da sexualidade feminina; normas que opõem, na mulher, sexualidade e narcisismo. A ordem imposta pela “*pirâmide erótica*” organiza as formas adequadas de vivência da sexualidade a partir de critérios diferenciados para o masculino e o feminino; o prazer sexual da mulher só é concebível a partir de justificativas criteriosamente estabelecidas. O desejo sexual fora da moral convencional constitui uma transgressão tão grave para a mulher que chega a assemelhar-se ao rompimento das leis do incesto, alega Dio Bleichmar. Exige-se dela, sempre, que sexo e amor se fundam numa única corrente. Em outro contexto teórico, mas coincidindo com esse raciocínio, Aulagnier (1990) comenta que o amor funciona como um álibi atual para a vivência feminina da sexualidade, a permissão encontrada para a fruição do seu gozo.

O enrijecimento desse ideal está presente nos numerosos exemplos oferecidos pelo sociólogo Anthony Giddens (op. cit.), retirados das pesquisas recentes com adolescentes e adultos acerca da sexualidade. A maioria indica que as mudanças ocorridas são insuficientes para desmancharem a máscara-da-noivinha que, mesmo desvitalizada, permanece comprimindo os rostos de homens e mulheres deste final de século. Parece que estamos bem distantes da sensualidade que envolve a nova Carmem, personagem que tem a história recontada por Godard e retratada a partir do olhar de Joel Birman (1997) como representante da nova sedução que pede passagem no mundo de hoje. Birman avalia que essa sedução foi “*decantada do seu lado malévolo*”; ela é “*a revelação plena do desejo feminino, a assunção pela mulher de sua feminilidade pela qual aquela pode dizer: ‘eu quero este homem e pronto’, definitivamente*”. Será esta uma pré-figuração das Carmens que estão por chegar?

O panorama vislumbrado através da narração de Giddens é outro. Os depoimentos são claros: o sexo é apenas o caminho para a construção do romance idealizado; “*são desvios no caminho para um relacionamento amoroso definitivo*”. As mulheres entrevistadas poderiam constituir o universo das “*noivinhas*” de Rolnik em sua luta para ajustarem máscaras antigas às faces do presente. Empenham-se na perpetuação dos antigos modos de expressão, principalmente para equipararem seu comportamento às expectativas dos parceiros que, segundo revelam os dados, insistem em avaliá-las a partir dos antigos esquemas. Elas respondem aos códigos de negociação amorosa dos rapazes –que se entrincheiram nas antigas máscaras-, tentando “*recuar para idéias e modos de comportamento pré-existent*”, como a aceitação do padrão duplo de moral, o apego “*aos sonhos melosos de maternidade e a esperança de amor eterno*”. “*A idéia do amor romântico ajudou a abrir um caminho para a formação de relacionamentos puros no domínio da sexualidade, mas agora se tornou enfraquecida por algumas das próprias influências que ela ajudou a criar*”, diz Giddens.

Por que tanto desconforto ao detectarmos em nós, mulheres, as insígnias de um tipo de amor que tem funcionado como fonte de belas histórias e memoráveis episódios de vida? Exatamente, respondo, porque ele é eficaz. Haveria incômodo se não fosse tão real? se as suas designações nos atingissem apenas superficialmente, provenientes apenas de um referencial externo? Além do sofrimento decorrente da tentativa infrutífera de que seja experimentado plenamente, esse modo de amar, em virtude das idealizações inerentes ao projeto romântico, constitui, para as mulheres, uma gaiola de ouro ou, como diz a personagem do filme, “*uma saporífera casa de bonecas*”. Vivido em sua radicalidade, o ideal de amor romântico representa a permanência no lugar de servidão voluntária pois ele se ancora na diferença que justifica todas as desigualdades -recato, passividade e romantismo x incoercibilidade sexual- e, além disso, restringe a experiência amorosa a uma única via. Afastar-se dessa via

implica comprometer a imagem que se tem de si, perceber-se como um ser defeituoso. As “noivinhas-que-goram-e-grudam” compõem uma parcela razoável da população feminina: elas tentam a todo custo e com dosagens altíssimas de automutilação perceptiva, encontrarem seu príncipe encantado.

O ideal de amor romântico, sob esse prisma, revela um aspecto da violência oculto sob a aparência de “*escolha natural*”. É um tipo de violência que se exerce de forma sorrateira, silenciosa, apontada por Marilena Chauí (op. cit.) como a mais perfeita já que obtém “*a interiorização da vontade e da ação alheias pela vontade e pela ação da parte dominada, de modo a fazer com que a perda da autonomia não seja percebida nem reconhecida, mas submersa numa heteronímia que não se percebe como tal*”. Esse é o lado obscuro da “*casa de bonecas*”.

BIBLIOGRAFIA

- ANZIEU, Annie (1992). *A Mulher sem Qualidades: estudo psicanalítico da feminilidade*. São Paulo : Casa do Psicólogo.
- AULAGNIER-SPAIRANI, Piera (1990). Observações sobre a feminilidade e suas transformações. In: Clavreul, J. et al. *O desejo e a perversão*. São Paulo : Papirus.
- COSTA, Jurandir (1989). *A face e o verso - estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo, Escuta.
- BEAUVOIR, Simone (1970). *O segundo sexo*. São Paulo : Difusão Européia do Livro.
- BIRMAN, Joel (1997). "Se eu te amo, cuide-se: sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80". In: Berlink, M. (org.) *Histeria*. São Paulo : Escuta.

- CHAUÍ, Marilena (1985). "Participando do debate sobre mulher e violência". In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher* 4. Rio de Janeiro : Zahar
- DIO BLEICHMAR, Emilce (1988). *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre : Artes Médicas.
- DUBY, George (1989). *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo : Companhia das Letras.
- FREUD, Sigmund (1992). Contribuciones a la psicología del amor, I [1910], II [1912], III [1917]. *Obras Completas*. Buenos Aires : Amorrortu.
- GIDDENS, Anthony (1992). *A transformação da intimidade - sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- LASCH, Christopher (1991). *Refúgio num mundo sem coração*. A família: santuário ou instituição sitiada?. São Paulo : Paz e Terra.
- LAURENT-ASSOUN, Paul (1993). *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROLNIK, Suely (1989). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo : Estação Liberdade.
- RUSSEAU, Jean Jacques (1990). *Emílio* Livro V. Portugal:Publicações Europa-América.
- SAS, Graciela (1996). "La leyenda de Sherezade en la vida cotidiana". In: Burin, M. e Dio Bleichmar, E. (org.) *Género, psicoanálisis, subjetividad*. Buenos Aires : Paidós.
- STOLLER, Robert (1984). *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. London : Karnac Books.

